

## ICONICIDADE NA LINGUAGEM<sup>1</sup>

WINFRIED NÖTH

### 1. ICONICIDADE E A TEORIA LINGÜÍSTICA

Depois de muitas décadas de prevalência do dogma saussuriano da arbitrariedade do signo lingüístico, o tópico da iconicidade na linguagem se tornou uma questão maior na teoria lingüística corrente. Mais e mais, fenômenos de iconicidade vêm sendo explorados nos níveis da morfologia, da sintaxe, do texto e no domínio da mudança lingüística, e a assunção de que a estrutura da linguagem é, de muitos modos, icônica, com respeito ao mundo e aos modos pelos quais ele está representado na nossa mente se tornaram um dos pontos centrais da lingüística natural e cognitiva (vide Plank 1979; Haiman 1985; Bouissac et al. 1986; Dressler 1987; Nöth 1990b, 1993, 1994, 2000; Waugh 1992; Landsberg 1995; Simone 1995; Anderson 1999; Nänny y Fischer 1999).

As fundações da teoria da iconicidade estão na semiótica de Charles S. Peirce. Roman Jakobson (1965, 1977) foi o primeiro a descobrir a sua relevância para a lingüística. Foi mérito seu chamar a atenção dos lingüistas para as três categorias peirceanas da iconicidade. De acordo com a primeira, chamada iconicidade imagética, o signo produz uma similaridade imediatamente perceptível com o objeto a que ele se refere. De acordo com a segunda categoria, chamada iconicidade diagramática, a similaridade entre o signo e seu objeto é apenas estrutural ou relacional, como é o caso da *ordo natura-*

lis textual das proposições cuja ordem linear corresponde à ordem dos eventos representados. De acordo com a terceira, iconicidade metafórica, a similaridade é mediada por um terceiro, o *tertium comparationis* entre o teor e o veículo da expressão metafórica.

A despeito desse alargamento no escopo da iconicidade desde Jakobson e a despeito de muitas pesquisas atuais, a extensão completa na qual a linguagem é icônica em sentido peirceano, não tem sido suficientemente explorada na lingüística. O propósito deste artigo é delinear as cinco facetas maiores da iconicidade até agora bastante negligenciadas ou mesmo mal entendidas nos estudos da linguagem: 1) iconicidade endofórica, 2) a natureza do objeto iconicamente representado na linguagem, 3) a natureza do ícone em relação ao seu objeto, 4) iconicidade e cognição, e 5) a onipresença da iconicidade na linguagem.

## 2. ICONICIDADE ENDOFÓRICA

Na tradição jakobsoniana, a iconicidade lingüística tem sido vista principalmente como uma relação *signans-signatum*: as estruturas de linguagem tem sido descritas como ícones do mundo por elas representado. Tenho chamado exofórico ou referencial esse modo de iconicidade. Em adição, a iconicidade endofórica também deve ser considerada (vide Nöth 1990b). Ela consiste de relações *signans-signans* que são devidas a um mapeamento das formas de linguagem dentro da própria linguagem, no domínio da fala (ou texto) ou da língua (ou sistema).

### 2.1 Iconicidade endofórica em textos

Textualmente, a iconicidade endofórica compreende todos os modos de recorrência não trivial, simetria ou anti-simetria na linearidade da linguagem falada ou escrita, tais como a repetição de frases, palavras, referências anafóricas a unidades prévias de significado, repetições de morfemas, sílabas ou simples fonemas. Recorrências não triviais que constituem as relações signicas icônicas, devem ser distinguidas das relações triviais que não constituem essas relações. A recorrência da letra “e” neste artigo é trivial. As várias instâncias do tipo “e” neste texto não são signos icônicos uns dos outros. As várias recorrências da palavra “ícone” e seus derivativos “icônico” ou “iconicidade”, ao contrário, são recorrências não triviais. Na medida em que o morfema “ícone” se reporta a suas recorrências anteriores no texto e aos seus traços na memória, trata-se, então, de um signo icônico. Na medida em que esses morfemas constituem um padrão coerente de relações que criam uma linha de ar-

gumentação, eles formam um ícone diagramático. Todo signo recorrente na linguagem se reporta e é, portanto, um ícone da unidade precedente que ele repete ou modifica.

A essência da poesia, de acordo com Jakobson (1960: 358), está na “reiteração de unidades equivalentes”, o que exemplifica o princípio de iconicidade endofórica e é um traço de qualquer texto que produz coesão baseada em padrões de recorrências tópicas. Uma vez que as relações endofóricas se constituem em referenciais apenas dentro do texto, e não do texto ao mundo, o texto é iconicamente auto-referencial na medida em que ele seja capaz de produzir iconicidade endofórica. Além dessas iconicidades intratextuais, há iconicidades intertextuais, que se referem a padrões de semelhança com outros textos: citações, alusões, e outras relações intertextuais exemplificam esse modo de iconicidade textual.

### 2.2 Iconicidade endofórica no sistema de linguagem

A iconicidade endofórica no sistema de linguagem é principalmente de uma espécie diagramática. O sistema de linguagem produz iconicidades internas em muitos respeitos. A relação entre os fonemas surdos p, t, k e os fonemas sonoros b, d, g é uma relação icônica. Eles são semelhantes e, portanto, icônicos entre si na medida em que todos esses fonemas são consoantes que compartilham do traço “plosivo”. A relação entre, por exemplo, na língua inglesa, *great*, *greater*, *greatest* é iconicamente diagramática, visto que o padrão morfológico dos graus dos adjetivos é o mesmo que em *loud*, *louder*, *loudest*. Assim, há iconicidade na linguagem como um sistema de oposições com invariantes subjacentes, estruturadas em padrões de semelhanças e dessemelhanças. Na medida em que há isomorfismo entre forma e conteúdo nos vários níveis da estrutura da linguagem, esta é diagramaticamente icônica. Na teoria semiótica das mudanças lingüísticas, a evolução da linguagem na direção de um ajustamento maior entre forma e conteúdo e na direção de paradigmas mais coerentes e completos vem sendo interpretada como um movimento que se direciona para uma diagramaticidade icônica maior (Shapiro 1991).

Além dessas iconicidades dentro do sistema de linguagem, há uma outra forma de iconicidade que existe na relação do sistema com o modo em que ele é atualizado entre a competência dos falantes e seus desempenhos. Se o sistema de linguagem se constitui como ícone diagramático, um sistema de padrões estruturais e relações entre forma e conteúdo, o mapeamento das estruturas desse sistema diagramaticamente icônico no comportamento atualizado da fala, o modo pelo qual os falantes produzem enunciados em conformidade com as estruturas do sistema, também são icônicos. Essa é a razão por



que falantes (e ouvintes) corrigem erros de fala: um erro é corrigido a fim de tornar o enunciado mais icônico em relação aos padrões do sistema. Esta é também a razão pela qual a competência lingüística incompleta dos falantes em estágio de aprendizagem de uma língua estrangeira fornece-nos evidência icônica dessa incompletude lingüística. A interdependência entre língua e fala também significa que essa espécie de iconicidade é bidirecional. Não apenas o uso da língua é icônico das estruturas do sistema, mas há também iconicidade no modo como o sistema de linguagem reflete as estruturas produzidas pelos falantes. Quando surgem novos hábitos de comunidade lingüística, as gramáticas têm de ser reescritas para serem mais icônicas ao modo como as pessoas falam.

### 3. A NATUREZA DO OBJETO ICONICAMENTE REPRESENTADO

Um dos aspectos mais freqüentemente mal interpretados do signo icônico nos estudos da iconicidade lingüística está na natureza do objeto que ele representa. O objeto do signo, de acordo com Peirce, não é algum *Ding an sich*, nem simplesmente um referente em uma realidade externa, nem um denotatum no sentido neopositivista. Ao contrário, Peirce não faz afirmações peremptórias sobre a “realidade” do objeto, mas o descreve como algo “perceptível, ou apenas imaginável, ou mesmo inimaginável em certo sentido” (CP 2.230). Peirce vai mesmo tão longe a ponto de especular que “talvez o Objeto seja mesmo fictício” (CP 8.314). Embora o objeto seja apenas imaginável, ele não é o mesmo que a representação mental produzida pelo signo (que é seu interpretante). Ao contrário, o objeto é “aquilo com que [o signo] pressupõe uma familiaridade a fim de produzir alguma informação adicional a seu respeito (CP 2.231). Portanto, por objeto, Peirce queria significar “qualquer coisa que aparece à mente em qualquer sentido; de modo que qualquer coisa mencionada ou pensada é um objeto” (L 482; Santaella 1995: 47). Peirce distinguiu entre duas espécies de objeto, o imediato e o dinâmico. Apenas o objeto dinâmico pertence de algum modo à realidade fora do signo. Ele “determina o signo à sua representação”, mas nós não temos realmente acesso à sua realidade (CP 4.536). O objeto imediato, em contraste, é o objeto “tal como o signo o representa” (CP 4.536.). “É o Objeto como conhecível no signo e, portanto, uma Idéia” (CP 8.183). É “a idéia sobre a qual o signo é construído”, enquanto o objeto dinâmico é aquela coisa real ou circunstância sobre a qual aquela idéia se funda” (MS 318: 33; Pape 1996: 106). Ransdell (1983: 28) interpreta o objeto imediato como “um signo logicamente anterior ao objeto [dinâmico].” Uma vez que não temos acesso real ao objeto

dinâmico, é evidente que julgamentos de iconicidade, isto é, de similaridades entre os signos e seus objetos só podem ter o objeto imediato como seus correlatos. A essência da interpretação é levar o signo precedente adiante à luz do novo contexto no qual o signo aparece. O resultado é o interpretante, que é um signo novo e mais desenvolvido do mesmo objeto.

### 4. A NATUREZA DO ÍCONE EM SUA RELAÇÃO COM O OBJETO

O critério de iconicidade geralmente adorado no estudo da iconicidade lingüística baseia-se na similaridade entre o signo verbal e seu objeto. Similaridade, entretanto, não é realmente o critério mais genuíno de iconicidade. Peirce distingue entre o ícone genuíno como o ideal e, ao mesmo tempo, caso limite da iconicidade e o signo realmente icônico, que ele chamou de hipoícone. (CP 2.276). Enquanto o critério de similaridade se aplica à hipoiconicidade, um ícone genuíno preenche sua função semiótica “em virtude de um caráter que ele possui em si mesmo [e ele] não estabelece nenhuma distinção entre si mesmo e seu objeto. [...] É um caso de talidade apenas” (CP 5.73-74). Signo e objeto se fundem em uma identidade (Santaella 1995: 143). O ícone genuíno é, portanto, um signo auto-referencial ou auto-representativo, como Ransdell (1979: 57) o chamou. O ícone é o seu próprio objeto, ele se refere a si mesmo (cf. também CP 2.230). Nas palavras de Peirce, ele é um signo “em virtude de ser uma imagem imediata, quer dizer, em virtude de caracteres que pertencem a ele em si mesmo como um objeto sensível, e que ele possuiria de igual modo mesmo que não existisse nenhum objeto na natureza com que ele se assemelhasse” (CP 4.447). O signo genuinamente icônico é, portanto, apenas o caso limite ao longo de uma escala que vai dos hipoícones que compartilham apenas alguns traços com seus objetos até os ícones genuínos que não apresentam mais diferença de seus objetos. É verdade, entretanto, que nenhum signo atualmente produzido pode ser um ícone genuíno de modo que signos icônicos (hipoícones) efetivamente produzidos só são auto-referenciais de acordo com o grau de sua iconicidade. Com respeito a seus outros elementos (convencionais ou indexicais), eles são alo-referenciais (e não icônicos; cf. Ransdell 1979: 55).

### 5. ICONICIDADE E COGNIÇÃO

Quando consideramos a definição peirceana do ícone puro como uma “imagem imediata” e como “um caso de talidade” torna-se evidente que há

iconicidade em qualquer objeto sensório imediatamente perceptível. Nesse aspecto, a semiótica peirceana difere agudamente da semiótica fenomenológica (por ex. Husserl) que define os objetos da percepção imediata como não semióticos (vide Nöth 1990a: 35). Para Peirce, em contraste, “toda cognição é perceptiva, no sentido de que sempre envolve (lógica e não psicologicamente) uma apresentação icônica do objeto cognitivo” (Ransdell 1979: 61). Essa conclusão se sustenta em uma outra característica comum tanto aos ícones quanto aos objetos, a saber, suas relações com o passado. Como vimos acima, o objeto imediato pertence ao passado porque ele é um signo que precede a interpretação de um dado signo. Peirce prescreve a mesma característica ao ícone quando ele o compara ao índice e ao símbolo como se segue: “Um ícone tem um tal ser que pertence a uma experiência passada. Ele existe apenas como uma imagem na mente. Um índice tem o ser de uma experiência presente. O ser do símbolo consiste no fato real de que [...] ele influenciará o pensamento e a conduta de seu intérprete. [...]. Ele serve para tornar o pensamento e a conduta racionais e nos capacitar para prever o futuro” (CP 4.447-448).

Não é possível explorar neste artigo a natureza dos signos indexicais e simbólicos na linguagem. Basta recordar que ícones não são uma classe separada dos índices e dos símbolos na linguagem. Na verdade, toda palavra é um símbolo. Entretanto, de acordo com Peirce, “um símbolo pode ter um ícone e um índice a ele incorporados” (CP 4.447). Nomes, verbos e adjetivos, por exemplo, são icônicos na medida em que sua interpretação envolve “o chamamento de uma imagem” (CP 4.447) e Peirce concluiu que “os signos mais perfeitos são aqueles em que os caracteres icônicos, indexicais e simbólicos estão misturados tão igualmente quanto possível” (CP 4.448).

#### 6. ONIPRESENÇA DA ICONICIDADE NA LINGUAGEM E COMUNICAÇÃO

Os ícones são, portanto, onipresentes na comunicação verbal. Para Peirce, “o único modo de comunicar diretamente uma idéia é por meio de um ícone” e toda asserção deve conter um ícone ou conjunto de ícones” (CP 2.278). Além disso, a ubiquidade da iconicidade na linguagem e a necessidade de elementos icônicos no processo de comunicação tem outras duas facetas essenciais para as quais só posso me referir brevemente para concluir. Uma delas é que a iconicidade é a fonte da criatividade na linguagem, e a outra é que a iconicidade é a fonte da compreensão mútua entre falante e ouvinte. Os signos icônicos são a fonte da criatividade na linguagem porque o único modo de produzir novas idéias é por meio de “um complexo de [...] ícones.”

Apenas por meio de uma conjunção ou disjunção de ícones podemos chegar a “imagens compostas das quais o todo ainda não nos é familiar” (CP 3.433).

A outra faceta da ubiquidade da iconicidade tem a ver com a simetria entre os signos do falante e as interpretações dos ouvintes. Peirce nos fornece o seguinte relato dessa simetria no processo de comunicação:

O emissor [de uma asserção] envia signos para o receptor. Supõe-se que alguns desses signos excitam na mente do receptor imagens familiares, figuras [...], reminiscências de visões, sons, sentimentos, gostos, cheiros, ou outras sensações, agora bem desligados das circunstâncias originais de suas ocorrências. [...] O emissor é capaz de evocar essas imagens à vontade [...] na sua própria mente; e ele supõe que o receptor possa fazer o mesmo. [...] A imagem que se espera seja excitada na mente do receptor será também um signo – um signo por semelhança, ou, como dizemos, um ícone – da imagem similar na mente do receptor. (CP 3.433).

A comunicação bem sucedida de uma idéia do falante para o ouvinte envolve, portanto, três níveis de produção sónica icônica. O primeiro e o segundo níveis estão nas mentes do emissor e do receptor, nas quais “imagens familiares” são evocadas. A terceira é devida a um paralelismo entre essas duas imagens, o que torna a imagem do ouvinte um ícone da imagem do falante. Note-se, contudo, que essa iconicidade no paralelismo entre a interpretação dos signos do falante e do ouvinte não é de modo algum perfeita. Ao contrário, o falante só pode supor ou talvez ter esperança de que o ouvinte evoque a mesma imagem, mas, na realidade, há sempre diferenças que permanecem e que dão origem a uma “seqüência dialógica de interpretações sucessivas” *ad infinitum* no processo dialógico de uma semiose ilimitada.

Tradução de Lucia Santaella

#### NOTA

1. Este artigo foi originalmente publicado em inglês, na Transactions of Charles S. Peirce Society, vol. XXXV, nro. 3, 1999.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDERSON, E. R. (1999) *A Grammar of Iconism*. Madison: Fairleigh Dickinson University Press.



BOUISSAC, P., HERZFELD, M. e POSNER, R. (eds.) (1986) *Iconicity: Essays on the Nature of Culture*. Tübingen: Stauffenburg.

DRESSLER, W. (1987) "Leitmotifs" em *Natural Morphology*. Amsterdam: Benjamins.

HAIMAN, J. (ed.) (1985) *Iconicity in Syntax*. Amsterdam: Benjamins.

JAKOBSON, R. (1960) "Linguistics and poetics" em *Style in Language* de T. A. Sebeok (ed.), 350-377. Cambridge, MA: MIT Press.

— (1965 [1971]) "Quest for the essence of language" em *Selected Writings II* de R. Jakobson, 345-359. The Hague: Mouton.

— (1977) "A few remarks on Peirce, pathfinder in the science of language" em *Selected Writings VII* de Roman Jakobson, 248-253. The Hague: Mouton.

LANDSBERG, M. E. (ed.) (1995) *Syntactic Iconicity and Language Freezes: The Human Dimension*. Berlin: Mouton de Gruyter.

NÄNNY, M. e FISCHER, O. (eds.) (1999) *Form Miming Meaning: Iconicity in Language and Literature*. Amsterdam: Benjamins.

NÖTH, W. (1990a) *Handbook of Semiotics*. Bloomington: Indiana University Press.

— (1990b) "The semiotic potential for iconicity in spoken and written language", *Kodikas/Code* 13: 191-209.

— (1993) "Iconicity of symmetries and asymmetries in syntactic coordination" em *Von der Sprache zur Literatur: Motiviertheit im sprachlichen und im poetischen Kode* de C. Küper (ed.), 23-36. Tübingen: Stauffenburg.

— (1994) "Symmetry in oral and written language" em *Writing vs. Speaking* de S. Cmejrková, F. Danes e E. Havlová (eds.), 97-110. Tübingen: Narr.

— (2000) *Handbuch der Semiotik*, 2. Aufl. Stuttgart: Metzler.

PAPE, H. (1996) "Object and final cause in Peirce's semeiotic" em *Peirce's Doctrin of Signs* de V. M. Colapietro e T. M. Olshewsky (eds.), 103-117. Berlin: Mouton de Gruyter.

PEIRCE, C. S. (1931-58) *Collected Papers*. Vols. 1-6, de C. Hartshorne e P. Weiss (eds.); vols. 7-8 de A.W. Burks (ed.). Cambridge, MA: Harvard University Press. (Quoted as CP. Reference is made to vols. and paragraphs.)

PLANK, F. (1979) "Ikonisierung und De-Ikonisierung als Prinzipien des Sprachwandels", *Sprachwissenschaft* 4, 121-158.

RANDELL, J. (1979) "The epistemic function of iconicity in perception", *Peirce Studies* 1: 51-66.

— (1983) *Peircean Semiotic*. Lubbock, Tex.: Department of Philosophy (manuscript).

SANTAELLA, L. (1995) *A teoria geral dos signos*. São Paulo: Ática.

SHAPIRO, M. (1991) *The sense of change*. Bloomington: Indiana University Press.

SIMONE, R. (ed.) (1995) *Iconicity in Language*. Amsterdam: Benjamins.

WAUGH, L. (1992) "Let's take the icon out of iconicity: Constraints on iconicity in the lexicon", *The American Journal of Semiotics* 9: 7-48.

## ABSTRACT

*The purpose of this paper is to outline the five major facets of iconicity hitherto largely neglected or even misunderstood in language studies: 1) endophoric iconicity, 2) the nature of the object iconically represented in language, 3) the nature of the icon in relation to this object, 4) the iconicity of mental images, and 5) the omnipresence of iconicity in language.*

Winfried Nöth é professor de Lingüística e Semiótica e diretor do Centro Interdisciplinar de Estudos Culturais na Universidade de Kassel, professor visitante na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP), membro honorário da Associação Internacional de Semiótica Visual e presidente da Associação Alemã de Semiótica. Livros: *Handbook of Semiotics* (1990; 2a ed. rev. alemã 2000), *Panorama da semiótica de Platão a Peirce* (1995), *A semiótica no século XX* (1996), *Semiotics of the Media* (1997), *Imagem: Cognição, semiótica, mídia* (1998, com Lucia Santaella), *Landkarten [Mapas...] als synoptisches Medium* (1998, com D. Schmauks), *Medientheorie und die digitalen Medien* (1998, com K. Wenz), *Semiótica: Bibliografia comentada* (1999, com Lucia Santaella), *Semiotics of Nature* (2001, com K. Kull), and *Crisis of Representation* (2002, com C. Ljungberg).  
http://www.uni-kassel.de/~noeth E-mail: noeth@uni-kassel.de